

6.04.99 – Arquitetura e Urbanismo.

A TEORIA DA OBSERVAÇÃO E DO REFÚGIO COMO INSTRUMENTO DE LEITURA ESPACIAL E AVALIAÇÃO ESTÉTICA. ESTUDO DE CASO: O BAIRRO DO PONTAL DA BARRA EM MACEIÓ-AL

Pablo Peixoto de Lima^{1*}, Anna Maria V. Soares Filha²

1. Graduado em Arquitetura e Urbanismo na Fac.de Arquitetura e Urbanismo da UFAL, 2017.

2. Mestre - FAU - UFAL / Orientadora

Resumo:

Em seu livro “The Experience of Landscape” (1975), Jay Appleton apresenta a **Teoria da Observação e do Refúgio** (TOR), argumentando que oportunidades, reais ou simbólicas, de ver e não ser visto satisfazem necessidades biológicas inatas e aumentam a preferência estética por determinadas paisagens. Assim, este trabalho objetiva testar a validade da TOR como um instrumento de leitura espacial e avaliação estética da paisagem no bairro Pontal da Barra, em Maceió, Alagoas. Revisão de literatura, visitas de campo e análise comparativa de fotografias de suas paisagens, registradas pelo autor, por um morador do bairro e por um visitante, conduzem a metodologia do trabalho. Os resultados mostraram que a configuração espacial, elementos naturais e antrópicos presentes no bairro, atendem aos pressupostos da TOR. As fotografias registradas por um morador do bairro e por um visitante sugerem que elementos simbólicos de Observação e de Refúgio tornam determinadas paisagens visualmente mais atrativas.

Palavras-chave: Paisagem; Jay Appleton; Espaço

Introdução:

Uma das atribuições do arquiteto-urbanista é prover um espaço qualitativamente adequado, numa síntese de diferentes fatores – físicos, ambientais, políticos, históricos, culturais e sociais – atendendo às necessidades do usuário do espaço, o ser humano. Porém, os estudos sobre a paisagem em geral, uma das atribuições de arquitetos e urbanistas, parecem desconsiderar o fato de que o ser humano ainda é um primata, produto de um processo de milhões de anos de evolução.

Tentando preencher essa lacuna, o geógrafo britânico Jay Appleton (1975) desenvolveu a “**Teoria da Observação e do Refúgio**” (TOR): paisagens que oferecem ao indivíduo oportunidades, reais ou simbólicas, de ver adiante (Observação) sem ser visto (Refúgio), condições essenciais aos nossos ancestrais hominídeos para sobreviver, tendem a ser mais apreciadas esteticamente pelos usuários. Essas ideias encontram correlações nos trabalhos de Tuan (1980), Sitte (1992), Cullen (1996), Lynch (1999) e Jacobs (2007); foram referenciadas por Hildebrand (1991), Orians e Heerwagen (1992), Kaplan *et al.* (1999), Dutton (2009), Roberts (2009), Falk e Balling (2010) e Pinker (2015).

“Paisagem” e “beleza cênica” são conceitos intrinsecamente associados ao Pontal da Barra (GONÇALVES, 2009), bairro da cidade de Maceió – AL, inserido peninsularmente entre a laguna Mundaú e o Oceano Atlântico, justificando sua escolha. Já a estética é uma das 10 necessidades relacionadas à qualidade de vida nas cidades (MADERTHANER, 1995 apud SOUZA, 2011), contextualizando a importância de seu estudo dentro do ambiente urbano. Por sua vez, Morris (2008) e Pinker (2015) demonstram que a mente caçadora-coletora do homem ainda opera hoje de maneira subconsciente, justificando o ponto de vista adotado por este trabalho.

O objetivo geral deste trabalho foi testar a validade da TOR enquanto instrumento de leitura espacial da paisagem. Correspondem aos objetivos específicos: uma identificação dos elementos simbólicos da TOR no bairro; verificação de uma possível influência dos mesmos na apreciação estética da paisagem; relacionar os resultados da análise com a aplicabilidade em estratégias projetuais de desenho urbano/paisagístico; ampliar o escopo teórico da fundamentação do projeto arquitetônico/urbanístico e paisagístico.

Metodologia:

O trabalho foi desenvolvido em 3 etapas:

- a 1ª etapa correspondeu a uma investigação e consolidação do referencial teórico: a) sobre a TOR; b) sobre os teóricos usualmente estudados em teoria da Arquitetura e do Urbanismo, com ênfase nos teóricos do urbanismo culturalista e dos críticos do urbanismo progressista; c) dos estudos urbanos a respeito do bairro do Pontal da Barra;
- a 2ª etapa correspondeu a uma pesquisa de campo para elaboração de croquis e registros fotográficos das paisagens do bairro;
- a 3ª etapa correspondeu a visitas acompanhadas com um morador do bairro e com um visitante, a fim de que os mesmos fizessem os seus registros fotográficos das paisagens do bairro, sob os seguintes critérios: a) os indivíduos deviam registrar as paisagens que fossem **visualmente** agradáveis sob seus pontos de vista; b) os registros deviam ocorrer imediatamente após a primeira impressão que determinada cena despertou no indivíduo, com o objetivo de reduzir a interferência de uma racionalização sobre o julgamento estético da cena; c) o assunto da foto devia ser a paisagem como um todo, não as pessoas; isso não impedia, porém, que as pessoas aparecessem nas fotos como

¹ Prospect-Refuge Theory, no original.

elementos da paisagem, caso assim o indivíduo desejasse; d) posicionamento, ângulos, *zooms*, enquadramentos, amplitude da apreensão visual ficaram a critério do indivíduo.

Resultados e Discussão:

Antes de passar aos resultados propriamente ditos, é necessário esclarecer alguns dos termos usados por Appleton (1975) (Tabela 1). **Observação** é qualquer apreensão visual de uma paisagem, podendo ser **Direta** (OD) – quando ela é tomada exatamente como é a partir da localização do observador (**Ponto de Vantagem Primário**) – ou **Indireta** (OI) – quando ela é imaginada a partir de posicionamentos alternativos do observador na paisagem (**Pontos de Vantagem Secundários**). Observações podem ser **Panoramas** ou **Vistas** – secundárias (as) se forem OIs. Os primeiros – apreensões visuais de grande extensão – podem ser **Simples** ou **Interrompidos** (quando existem obstáculos à apreensão visual completa, mas insuficientes para quebrar a impressão de uma paisagem única). As Vistas – apreensões visuais restritas por margens, geralmente verticais, bem demarcadas – podem ser **Simples**, **Horizontais** (quando margens horizontais se sobressaem às verticais) ou de **Postigo** (quando as margens horizontais e verticais são mais ou menos equivalentes). As Vistas Secundárias podem ser **Defletidas** (quando o eixo de visão é desviado, finalizando uma OD, mas sugerindo que o eixo continua numa mesma direção geral) ou **Laterais** (resultantes de aberturas aparentes flanqueando as margens de uma Vista, sugerindo uma oportunidade de uma nova OD a aproximadamente 90 graus do eixo da Vista).

Tabela 1 - Terminologia designativa dos elementos simbólicos de Observação e de Refúgio, com indicação a ser utilizada nas figuras (à direita da tabela) durante a análise. Adaptado de Appleton (1975).

TERMINOLOGIA	Observação	Observação Direta	Panoramas	<i>Simples</i>	<i>PS</i>
				<i>Interrompidos</i>	<i>PI</i>
			Vistas	<i>Simples</i>	<i>VS</i>
				<i>Horizontais</i>	<i>VH</i>
		<i>Postigo</i>		<i>VP</i>	
		Observação Indireta	Panoramas secundários		<i>PSs</i>
			Vistas secundárias	<i>Defletidas</i>	<i>VD</i>
				<i>Laterais</i>	<i>VL</i>
			Vistas de Postigo Secundárias		<i>VPS</i>
		Pontos de Vantagem	Primários	<i>PVP</i>	
Secundários	<i>PVS</i>				
Refúgio					<i>R</i>

Especialmente, a própria configuração do Pontal da Barra atende aos critérios da TOR. A sinuosidade dos becos, vielas e ruas estreitas gera formas propícias a um indivíduo ocultar-se, ao mesmo tempo em que permitem não só uma boa visão à distância do que está além, como levam a espaços mais amplos, como suas praças, ou mesmo aos Panoramas da laguna Mundaú e da praia do Pontal da Barra. Dentro do bairro, também é possível constatar a presença repetida de elementos na paisagem correspondentes àqueles da TOR (Figs. 1 - 4), com destaque para os Panoramas da laguna Mundaú e a visualização dos tabuleiros ao fundo, marcantes Pontos de Vantagem Secundários (Fig. 1). Appleton (1975) cita Veneza como exemplo de uma cidade cujas paisagens atendem perfeitamente aos critérios da TOR exatamente pela presença de elementos espaciais similares aos encontrados no Pontal da Barra. Conforme Appleton (1975), a presença de alpendres (Fig. 3) em várias residências reforça o simbolismo de refúgio.

Figuras 1-4 - Imagens do bairro registradas pelo autor, identificando elementos da TOR.



Figuras 1-4 - Continuação



As fotos registradas por um morador do bairro (Figs. 5-7) e por um visitante (Figs. 8-10), embora diferentes entre si, sugerem que os elementos da TOR tornam determinadas paisagens do bairro visualmente mais atraentes, inclusive graças ao efeito da luz: para Appleton (1975), o Sol e a luz em si são símbolos de Observação, enquanto as sombras são um símbolo de Refúgio; assim, cenários como o crepúsculo ou a aurora tornam-se poderosos atrativos visuais na paisagem. Mais ainda, as fotos sugerem as possibilidades de extensão e especificidades do simbolismo de Refúgio, como uma Escola onde a moradora do bairro exerceu o cargo de diretora por vários anos (Fig. 6) ou uma Igreja para os cristãos (Fig. 10).

Figuras 5-7 - Imagens do bairro registradas pelo morador; Figuras 8-10 - Imagens do bairro registradas pelo visitante



Conclusões:

Os resultados mostram uma grande presença de elementos da TOR no Pontal da Barra, e sugerem que o apelo estético visual de suas paisagens pode ter relação com estes elementos. Além disso, sugerem também a adaptabilidade da ideia de “Refúgio” a partir das experiências individuais, bem como o potencial da TOR para embasar discussões sobre apreensão e valorização da paisagem, fachada ativa, arborização urbana, desenho urbano, entre outros. Este trabalho é apenas um passo inicial. Estudos posteriores podem fornecer mais evidências para esta Teoria, bem como podem abrir novos caminhos de pesquisas interdisciplinares em Arquitetura e Urbanismo e contribuir com novos subsídios teóricos e novas diretrizes projetuais para arquitetos e urbanistas.

Referências bibliográficas

APPLETON, J. **The Experience of Landscape**. Chichester: John Wiley & Sons, 1975.

CULLEN, G. **Paisagem Urbana**. Lisboa: Edições 70, 1996.

DUTTON, D. **The Art Instinct: Beauty, Pleasure, and Human Evolution**. Nova Iorque: Bloomsbury Press, 2009.

FALK, J. H.; BALLING, J. D. Evolutionary Influence on Human Landscape Preference. **Environment and Behavior**, v. 42, n. 4, p. 479-493, 2010. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0013916509341244#articleCitationDownloadContainer>>. Acesso em: 30 jan. 2015.

GONÇALVES, V. M. D. M. **Relembrar o Passado, Reconhecer o Presente: A Identidade do Pontal da Barra Pelas Lembranças dos Moradores Idosos**. Universidade Federal de Alagoas. Maceió. 2009.

HILDEBRAND, G. **The Wright Space: Pattern and Meaning in Frank Lloyd Wright's Houses**. Seattle: University of Washington Press, 1991.

JACOBS, J. **Morte e Vida das Grandes Cidades**. Tradução de Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

KAPLAN, S.; KAPLAN, R.; RYAN, R. L. **With People in Mind: Design and Management of Everyday Nature**. Washington, D.C.: Island Press, 1998.

LYNCH, K. **A Imagem da Cidade**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MORRIS, D. **O Macaco Nu: Um Estudo do Animal Humano**. Tradução de Hermano Neves. 17. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

PINKER, S. **Como a Mente Funciona**. Tradução de Laura Teixeira Motta. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ROBERTS, J. W. **Alvar Aalto's Muuratsalo House, Understood Through Jay Appleton's Prospect-Refuge Theory**. University of Newcastle. Newcastle. 2009.

SITTE, C. **A Construção das Cidades Segundo Seus Princípios Artísticos**. Tradução de Ricardo Ferreira Henrique. São Paulo: Ática, 1992.

SOUZA, M. L. D. Planejamento e gestão urbanas como ferramentas de promoção do desenvolvimento sócio-espacial. In: _____. **Mudar a cidade: uma Introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanas**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. Cap. 2, p. 60-82.

TUAN, Y.-F. **Topofilia: um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.